

Joachim Radkau tenta escrever a biografia “definitiva” de Max Weber

RADKAU, Joachim. *Max Weber: Die Leidenschaft des Denkens*. München: Carl Hanser, 2005, 1.008 pp.

Sérgio da Mata

Professor Adjunto
Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP)
sdmata@ichs.ufop.br
Rua do seminário, s/n - Centro
Mariana - MG
3520-000
Brasil

Palavras-chave

Max Weber; Biografia; Alemanha.

Keyword

Max Weber; Biography; Germany.

358

Enviado em: 13/07/2010
Autor convidado

Em 1926, apenas seis anos depois de sua morte, Max Weber era brindado com uma biografia, escrita por sua esposa Marianne Weber (2005). O trabalho meticuloso de Marianne, a grande quantidade de fontes empregadas (sobretudo correspondência) e, evidentemente, a intimidade com o seu personagem pareciam preencher todos os requisitos para a composição de uma biografia “definitiva”.

Para qualquer um que se interesse por Weber, é um livro que ainda hoje se lê com grande proveito. O que não quer dizer que seja um livro excepcional. A mim, pelo menos, incomodou a “objetividade” com que Marianne o escreveu. Trata-se de uma biografia “weberiana” de Weber, uma opção infeliz sob todos os aspectos. Hoje se sabe que ela cometeu erros relativamente graves. Sem falar que inúmeras perguntas ficam sem resposta: as razões da crise que afastou Weber da universidade, a ausência de filhos, etc. Marianne fica a dever, sobretudo, do ponto de vista literário – ao menos se levarmos em conta a ideia de sua contemporânea Virginia Woolf (*The Art of Biography*) de que a biografia, mais que qualquer outro gênero, assenta num delicado compromisso entre arte e ciência.

Dilthey, ele próprio autor de uma monumental biografia de seu mestre Schleiermacher, acreditava que a biografia é a *celula mater* da história (Dilthey, 1997, p. 304). Um tipo de trabalho que também Weber, em seus escritos metodológicos, afirma ter toda a sua dignidade “científica” (WEBER, 1988, p. 240). Mas, afinal, o que nos permite dizer que um biógrafo chegou a bom termo?

Em primeiro lugar, trata-se de ir além do que o leitor medianamente informado a respeito de seu personagem já sabe, e não produzir um mero volume de ocasião – como o de Diggins (1999). No caso de Joachim Radkau, autor da mais recente e ambiciosa biografia de Max Weber, o objetivo é claro: ele pretende superar, no conteúdo e na forma, o livro de Marianne. Terá tido sucesso?

Historiador, professor da Universidade de Bielefeld, Radkau era até recentemente um *outsider* dos estudos weberianos. Não creio que seja necessariamente um problema. Talvez não coubesse mesmo a algum dos editores da *Max Weber Gesamtausgabe* (MWG) escrever este livro. Para todo aquele que já teve a oportunidade de percorrer um dos volumes deste colossal trabalho histórico-crítico que é a MWG, fica claro que tamanho apuro filológico antes dificulta que facilita quando se trata de compor um retrato de vida do “mito de Heidelberg”.¹ A previsão de Weber de que o caminho da ciência é o da especialização é sobejamente confirmada pelo desenvolvimento dos estudos weberianos nas últimas décadas. Grandes sínteses, como a de Reinhard Bendix (1986), pertencem ao passado da *Weberforschung*.

¹ Consta, porém, que dois intérpretes importantes, Wolfgang Mommsen e Dirk Kaesler, pretendiam cada um escrever a sua própria alternativa a Marianne. Mommsen morreu inesperadamente em 2004, e Kaesler, ao que parece, foi surpreendido pelo lançamento do livro de Radkau.

O biógrafo segue outra lógica. Ele deve buscar uma unidade qualquer por detrás da extensa obra do economista, historiador, pensador político e sociólogo alemão. E deve fazê-lo, tanto quanto possível, por meio de uma linguagem que não a do especialista. Pois seu foco está presumivelmente na vida, não na obra de Weber.

Do ponto de vista documental, Radkau contou não apenas com a inestimável ajuda dos volumes já editados da MWG, mas também com uma fortuna crítica que, hoje, é gigantesca. Se essa avalanche de publicações significou um maior conhecimento a respeito da vida privada de Weber, já é coisa bem diferente. Eis porque Radkau se utiliza amplamente do livro que pretende superar, o *Lebensbild* de 1926, bem como da coletânea de documentos feita por Eduard Baumgarten na década de 1960, além dos importantes estudos de Guenther Roth sobre a história da família de Weber e toda uma literatura recente, mas crescente, sobre Marianne. O mais significativo, parece-nos, é que a tudo isso ele acrescentou a análise de uma documentação inédita, em especial o epistolário do círculo feminino que girou em torno de nosso personagem: a mãe Helene; a esposa Marianne e as amantes Else Jaffé e Mina Tobler.

Na imprensa alemã prevaleceu o tom elogioso à nova biografia, brindada, pela revista *Damals*, com o prêmio de melhor livro de história do ano de 2006. O prestigioso *Die Zeit* (13/10/2005) classificou-a como *Monumentalstudie*. O cientista político Reinhard Mehring, autor de uma recentíssima biografia de Carl Schmitt, não empregou superlativos, mas pareceu bem impressionado com as novidades contidas no livro (*H-Soz-u-Kult*, 9/12/2005). Uma apreciação serena demandaria mais tempo.

As vozes dos conhecedores da obra de Weber aos poucos se fizeram ouvir, e não confirmavam as primeiras impressões. Escrevendo no prestigioso semanário *Der Spiegel* (23/01/2006), o sociólogo Dirk Kaesler classificou a biografia de Radkau como um exercício de “historiografia exibicionista”. O historiador Gangolf Hübinger (jornal de resenhas *Sehepunkte*, 15/02/2006) reconheceu méritos na biografia, mas criticou fortemente a leitura “naturalizante” que Radkau faz de Weber, assim como a tendência especulativa do autor.

Imagino que ao leitor brasileiro interessa, por certo, a minha opinião (fruto de uma leitura infinitamente mais lenta, afinal não é todo dia que se lê um livro de mil e oito páginas). Vamos a ela.

Desde as primeiras páginas, fica claro que Radkau pretende ler a vida e a obra de Weber a contrapelo do que, até o momento, se acredita ser um dos traços fundamentais de sua visão dos processos histórico-sociais, qual seja: a rejeição do naturalismo. Esse Weber que todos nós conhecemos, o Weber das “ciências culturais”, é o alvo de Radkau, e pode-se dizer – inspirados no que disse Jean Paul a respeito de Fichte – que a leitura naturalista e naturalizante é a *clavis radkauiana*. “Natureza” é o conceito fundamental a partir do qual se lê a trajetória e o pensamento do biografado. A recusa da literatura especializada em reconhecer a importância do naturalismo na obra de Weber seria, acredita

Radkau, expressão de uma postura “comprovadamente falsa” (p. 221). Esbarra-se aqui numa primeira grande dificuldade de lhe dar razão. Conhece-se suficientemente bem, desde há um bom tempo, o influxo do antinaturalismo de Heinrich Rickert e sua teoria do conhecimento histórico-social sobre Weber para admitir que a *clavis radkauiana* possa ser uma perspectiva de trabalho razoável.

A quantidade de vezes em que o conceito de “natureza” é invocado é assombrosa. Não que se deva ter alguma coisa contra ele (a antropologia filosófica mostrou a que ponto um culturalismo dogmático pode ser tão prejudicial e redutor quanto um naturalismo dogmático). O problema reside no fato de que esse conceito significa muito pouco *para Weber*. Significa cada vez menos à medida em que ele amadurece intelectualmente.

Vejamos alguns exemplos dessa exótica leitura empreendida por Radkau: o casamento é, para Weber, não um fenômeno social, mas “um fenômeno antropológico fundamental” (p. 176); aliás, trata-se aqui de uma pessoa totalmente “dependente” das condições do clima (p. 359-360) e cujos tipos ideais se inspiraram na biologia (p. 420-421). O postulado da neutralidade axiológica se origina nas ciências naturais (p. 627). Weber estava obcecado pelos aspectos sexuais da ética religiosa judaica (p. 688), e isso a ponto de se poder diagnosticar um verdadeiro “determinismo ecológico” nos seus estudos sobre o judaísmo antigo (p. 691). Por detrás de algumas passagens da *Zwischenbetrachtung* “se escondem fantasias eróticas” (p. 716). As reflexões em *Ciência como vocação* só se dão a entender plenamente se se percebe que, para Weber, existe qualquer coisa como uma “pulsão” científica no ser humano (p. 752). Ele acreditava que a primeira guerra mundial seria perdida devido à “natureza” dos alemães (p. 761). Sua religiosidade era uma “religião natural semi-consciente” (p. 811).

Radkau havia dado mostra, em livros anteriores, como *Das Zeitalter der Nervosität* (1998), sua atração pela chamada psico-história de autores como Peter Gay. A questão é saber o que esse tipo de abordagem pode agregar quando se trata de uma figura como Max Weber (o qual não tinha, como se sabe, uma opinião muito elevada a respeito da psicanálise).

Não se pode negar que Radkau é bem mais elucidativo que os demais intérpretes no que se refere à “crise nervosa” de Weber. Os primeiros sintomas se manifestam em inícios de 1898, apenas dois anos depois de ele se tornar professor de economia política em Heidelberg. No verão do mesmo ano, vem a insônia e uma dificuldade crescente para falar em público. Em 1900, até mesmo locomover-se tornara-se penoso para Weber. Três anos mais tarde, enfim, ele se demite da cátedra. Onde Marianne cala em seu livro, Radkau dá uma resposta que não parece ser destituída de plausibilidade. Por meio das cartas e do diário pessoal da própria Marianne, além do depoimento de vários daqueles que partilharam de certa intimidade com Weber, Radkau conclui que Weber fora vítima de uma neurastenia causada pelo casamento irrealizado do ponto de vista sexual (p. 262 e 278-281).

A documentação apresentada pelo autor inegavelmente permite tais ilações, muito embora ele postule que Weber estava, por assim dizer, *predestinado* à sua doença. Sem sombra de dúvida, sua família oferecia um vasto repertório de distúrbios psicológicos. A prima Emmy Baumgarten sofria dos nervos; Otto Benecke, um primo, suicidara-se; seu irmão, Alfred Weber, sofria de depressão; Karl, o outro irmão, era alcoólatra; Lili, a irmã mais nova, suicidou-se. Daí, porém, Radkau extrai dados que lhe parecem suficientes para justificar seu fatalismo naturalista. Pois “se Weber procurasse por sinais de degeneração em sua própria herança [familiar], as encontraria em quantidade” (p. 35).

Não deixa de ser de interesse que, decidido a explicar as causas da própria doença, Weber ocupou-se intensamente, durante algum tempo, com a literatura psicológica. Em 1907, ele escreveu para o neurologista Johannes Hoffmann, com quem havia se consultado, um auto-diagnóstico com o título “Relatório sobre a predisposição, surgimento e evolução da doença”. Jaspers chegou a ler esse precioso documento, que, mais tarde, lamentavelmente, Marianne preferiu destruir. Era uma forma de assegurar que a memória de seu marido não fugisse ao seu controle. Algo que ela, num certo sentido, conseguiu.

O outro ponto que Radkau desvela, e que Marianne por razões um tanto óbvias não podia (ou podia?) abordar, é o da vida amorosa extra-conjugal de Weber. Em 1909, em Veneza, ele se apaixona por Else Jaffé, esposa de Edgar Jaffé (co-editor, com Weber e Sombart, do *Archiv für Sozialwissenschaft und Sozialpolitik*). Sem dúvida picante é o fato de que Else Jaffé simultaneamente alimentava as esperanças de Alfred, o irmão sociólogo de Weber. Radkau (p. 597-598), amparado em Eduard Baumgarten, vê nessa paixão a origem das belas passagens da *Zwischenbetrachtung* sobre o sentimento amoroso. “Ele a ama!”, escreve Marianne a Helene Weber (p. 554). E não se enganava: algumas das cartas de amor enviadas por Weber a Else não deixam margem a dúvidas (p. 796-798).

1909, em todo caso, fora especial para Weber. As crises nervosas ficavam para trás. É o ano em que ele polemiza (em nome de sua sacrossanta “liberdade em relação aos valores”) com seu ex-professor Gustav Schmoller; em que organiza o primeiro congresso alemão de sociologia; e, enfim, é o ano em que conclui a terceira e gigantesca versão do texto “Relações agrárias na Antiguidade”. Weber trabalhava e escrevia como nunca. A partir de 1912, como já havia demonstrado Mario Rainer Lepsius, ele vive ainda um *affair* com a pianista Mina Tobler, a quem de certa forma deve um interesse teórico crescente pela música, e que está em relação direta com sua “sociologia da música” (Lepsius, 2004).

O caso de Mina Tobler mostra que a intimidade de um biografado, de qualquer biografado, tem relevância inclusive quando se pretende acessar melhor o sentido, ou antes, o processo de elaboração de uma obra científica ou literária – algo em que insiste, com razão, Thomas Etzemüller (2008). Fiquemos num exemplo apenas, o do longo e devastador parecer que Weber faz em 1907

sobre o artigo que Otto Gross, um entusiasta da psicanálise, pretendia publicar no *Archiv*. Ao fim deste parecer, Weber escreve: “[...] eu simplesmente não tenho respeito algum por realizações supostamente científicas que não satisfazem as exigências de sobriedade e objetividade, e não são `isentas de valor” (apud WEBER, 2005, p. 438). Mas quando se sabe que ele, seu irmão Alfred e Gross disputaram – em diferentes momentos – o amor de Else Jaffé, é inegável que se adquire um elemento a mais para a análise. Teria sido o parecer de Weber tão “objetivo” quanto ele queria fazer crer?

Quase no fim de seu imenso livro, Radkau explora a o problema da religiosidade de Weber. Que ele havia sido uma pessoa religiosa, mostram várias passagens de suas cartas da juventude. “Eu acho que um homem que honestamente acredita não possuir nenhuma convicção, nenhuma esperança num além, só pode ser uma criatura extremamente infeliz”, escrevia o rapazola de quinze anos ao primo Fritz Baumgarten (WEBER, 1936, p. 20). Em que medida, e quando, o luteranismo estrito do jovem Weber dá lugar àquela enigmática “amusicalidade” religiosa com que ele se definiria mais tarde, é ainda uma questão em aberto. Depreende-se desta nova biografia que sua doença pode estar relacionada a uma crise religiosa e ao conseqüente abandono da religião de Igreja em direção a uma concepção mais livre e pessoal de religião (nos termos de seu amigo Troeltsch e dele próprio: “mística”). Durante os momentos mais difíceis, com a promissora carreira subitamente interrompida, ele se insurge contra Deus de uma maneira tal que a associação com Jó é inevitável. Na época, Marianne escreveu a Helene: “Eu receio que ele está tendo uma alteração (*hadert*) com Deus novamente, está levando as coisas ao extremo e xinga-o” (p. 809).

363

Mas o que poderia significar muito para aqueles que se interessam pelos estudos religiosos de Weber, não passa de uma promessa. Radkau não vai além das conhecidas e pouco esclarecedoras passagens de Marianne, Karl Jaspers e Paul Honigsheim a esse respeito. Em todo caso, é bem pouco provável que a atenção que Weber devotou ao tema da teodicéia tenha sido apenas de natureza intelectual. Ele foi, talvez, a extensão de um interesse que já vinha de muito antes (cf. WEBER, 1936, p. 142), e que ao longo do seu decênio mais difícil (1898-1908) só fez aumentar. Na base da seção sobre a teodicéia do sofrimento em *Economia e sociedade*, estaria uma dolorosa experiência de vida.

Um dos grandes problemas de Radkau é que ele pretendeu medir forças não apenas com a primeira biógrafa, mas também com uma legião de intérpretes e “weberólogos”. A análise da obra está superdimensionada em relação à história de vida de Weber. Somente assim, aliás, se explicam as dimensões do seu livro. Radkau desloca-se para um terreno que está longe de conhecer tão bem como aqueles a quem ironiza como “cultores de Weber” (*Weberverehrer*), e é preciso que se diga: a trivialidade de seus comentários não passa despercebida a quem conheça mais de perto a literatura de ponta, dentro e fora do escopo da MWG, dentro e fora da Alemanha. No entanto, e para além de um número relativamente

pequeno de fontes inéditas, Radkau se baseia precisamente em obras de “cultores de Weber”, e a tal ponto que seu livro pode ser considerado uma apresentação didática, ainda que desnecessariamente extensa, do estado da arte dos estudos weberianos. Nenhuma grande novidade, nenhuma grande descoberta. Todas as conexões possíveis, com a escola histórica de Economia Política, com a teologia, com a historiografia, com Tönnies e Sombart, com a esfera política, com o círculo de Stefan George, todas elas foram mais e melhor estudadas por outras pessoas. Como “weberólogo”, Radkau decepciona.

Em síntese, o que ficamos sabendo de efetivamente novo sobre a vida privada de Weber é tão pouco que se fica a pensar se teria justificado uma nova biografia.² E o que passamos a saber de novo a respeito da obra é virtualmente nada.

E quanto ao quesito estético? Se Marianne escreve com aquela “fria razão kantiana” – a expressão fora usada por seu marido para ironizar os críticos do filósofo de Königsberg – Radkau cede ao desejo de produzir um efeito literário para o qual não parece especialmente dotado. O leitor é perseguido, a todo instante, pela sensação de estar lendo um exemplar do *Reader’s Digest*. Quando não são as considerações triviais, são as especulações grosseiras, do tipo: “com a queda do *Reich* também a própria moral burguesa de Weber veio abaixo” (p. 792). Por vezes o livro tangencia perigosamente o sensacionalismo. Amparado em evidências minúsculas, Radkau discorre sobre as poluções noturnas de Weber, sobre os desejos homoeróticos em Marianne, e até mesmo sobre uma fantástica suposta simpatia do autor da “Ética protestante” pelo terrorismo (p. 775).

A *Weberforschung* se faz, normalmente, com a sisudez de um culto luterano. Mas a vida, a vida é algo bem diferente. Para o “weberólogo”, a finalidade última é a compreensão da obra deste homem. Não é nem pode ser, repetimos, o objetivo do biógrafo. Não julguemos Radkau por devassar a intimidade de seu biografado, mas apenas por aquilo que ele efetivamente realizou, por sua *Leistung*. E esta, há que dizê-lo sem meias palavras, não faz jus às 1008 páginas de seu livro.

364

Bibliografia

BENDIX, Reinhard. *Max Weber: um perfil intelectual*. Brasília: UnB, 1986.

DIGGINS, John Patrick. *Max Weber: a política e o espírito da tragédia*. Rio de Janeiro: Record, 1999.

² Quando digo “novo”, refiro-me àquelas cartas que Radkau utiliza e que *não* constam dos seis volumes com a correspondência de Weber já editada no âmbito da MWG (cartas escritas entre 1906 e 1920). As cartas anteriores a 1906 encontram-se ainda em processo de edição.

- DILTHEY, Wilhelm. *Der Aufbau der geschichtlichen Welt in den Geisteswissenschaften*. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1997.
- ETZEMÜLLER, Thomas. How to make a historian. Problems in writing biographies of historians. *Storia della Storiografia*, v. 53, p. 46-57, 2008.
- LEPSIUS, Mario Rainer. Mina Tobler and Max Weber: Passion Confined. *Max Weber Studies*, v. 4, n. 1, p. 9-21, 2004.
- WEBER, Marianne. *Max Weber, uma biografia*. Niterói: Casa Jorge, 2005.
- WEBER, Max. Kritische Studien auf dem Gebiet der kulturwissenschaftlichen Logik. In: _____. *Gesammelte Aufsätze zur Wissenschaftslehre*. Tübingen: J. C. B. Mohr, 1988.
- WEBER, Max. *Jugendbriefe*. Tübingen: J. C. B. Mohr, 1936.